

**BOSSAGLIA, GIULIA (2019). LINGÜÍSTICA
COMPARADA E TIPOLOGIA**

Juan Rodrigues da Cruz (UFF)
juanrodrigues@id.uff.br



BOSSAGLIA, Giulia. *Linguística comparada e tipologia*. Coordenação de Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Júnior. São Paulo: Parábola, 2019. (Coleção Linguística Para o Ensino Superior, Vol. 9)

<https://30porcento.com.br/livro/9788579341762-Lingu%C3%ADstica-comparada-e-tipologia>.

Lançado em 2019, *Linguística comparada e tipologia* foi escrito pela professora Giulia Bossaglia, lotada na Faculdade de Letras da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. A autora tem a intenção de apresentar a seu leitor duas subáreas dos estudos linguísticos, a saber: a Linguística Comparada e a Tipologia Linguística. A obra é o nono título da coleção *Linguística Para o Ensino Superior*, do selo paulista Parábola, que conta com diversos títulos voltados para as principais disciplinas da Linguística, como a Sintaxe e a Libras⁷³ (títulos respectivamente escritos por Mário A. Perini e Ronice M. Quadros). Por si só, a coleção num todo já merece destaque, considerando o objetivo de providenciar a profissionais das Letras e áreas correlatas obras de referência, todas escritas por autores consagrados em suas respectivas áreas de atuação e pesquisa, mas aqui focaremos somente no trabalho de Giulia.

Linguística Comparada e Tipologia é constituído por 208 páginas, divididas entre sete capítulos. O primeiro deles, “As línguas do mundo”, tem como objetivo apresentar uma visão panorâmica sobre o contexto linguístico global, além de esmiuçar o próprio conceito de *língua*. Nesse sentido, a autora apresenta ao leitor estimativas de plataformas como a Ethnologue, de que há cerca de 7.000 línguas em uso atualmente no planeta, apesar de esse número variar, dependendo da fonte consultada pelo

⁷³ Ferreira e Martins resenharam, em 2019, essa obra para a Revista *Philologus*. Suas críticas podem ser encontradas em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/26/28>.

leitor, visto que precisar o que é ou não língua é tarefa complicada. Giulia apresenta uma detalhada descrição das cinco famílias linguísticas com maior número de falantes atualmente, traçando também estatísticas sobre essas dentro do quantitativo total de línguas em uso. Destaca-se, nesse sentido, a referência às línguas afro-asiáticas, nigero-congolesas, sino-tibetana, austronesiana e trans-Nova Guiné, que costumam ser pouco lembradas nos cursos de Letras pelo Brasil, havendo maior foco nos estudos das línguas indoeuropeias. A autora termina o Capítulo 1, discutindo sobre a relação entre língua e agricultura, algo bastante relevante visto que contextos de migração de *homo sapiens* e crescimento de comunidades agrícolas em tempos remotos contribuíram, também, para o desenvolvimento de novas línguas.

O segundo capítulo, “Dois olhares sobre as línguas: sistema e di-assistema”, retoma a discussão acerca do que vem a ser (ou não) considerado língua, ilustrando as perspectivas previamente apresentadas. Bossaglia faz uma breve síntese histórica acerca da Linguística enquanto ciência, fazendo referência à figura de Ferdinand de Saussure, e aos trabalhos dos linguistas historicistas, destacando o alemão August Schleicher. De Saussure, Giulia analisa três dicotomias, deixando à parte aquela relativa a paradigma x sintagma, o que não prejudica o andar da obra.

Ela também mostra os níveis em que uma determinada língua pode ser analisada por seus estudiosos (fonética e fonologia, morfologia, léxico, sintaxe e semântica), os quais estão interligados – uma mudança em um pode originar mudança noutra. A autora também traça um comentário sobre a Sociolinguística, dedicando, por exemplo, comentários à questão das variações (diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica, diafásica) que uma língua pode vir a ter com o tempo. Isso mostra que a obra não foca somente em uma teoria para se embasar, tampouco apresenta um único viés para seu leitor, o que é ótimo.

“A Linguística Histórico-comparada”, terceiro capítulo da obra, inicia, traçando um comentário sobre essa ramificação do pensamento linguístico. Tal introdução é necessária visto que foram trabalhos de investigação nessa área que permitiram que ancestrais comuns a várias línguas fossem identificados e propostos, como o proto-indo-europeu que já mencionamos. Giulia Bossaglia analisa o funcionamento do método histórico-comparativo, usado pelos teóricos da área no séc. XIX, e suas possíveis limitações.

A autora faz referência a vários estudiosos da área, entre eles o inglês William Jones que, além de sua reconhecida carreira como jurista, também detinha um vasto conhecimento sobre línguas clássicas e orientais (do grego ao sânscrito). Há também referência a outros estudiosos da área, como Franz Bopp (autor que provou o que Jones havia proposto), os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, Rask (pouco lembrado por ter escrito em dinamarquês, língua até hoje pouco presente no âmbito científico) e Verner, cuja contribuição para a área é sempre explicitada e detalhada. Giulia inclusive traça paralelos entre os autores, mostrando como um contribuiu para o trabalho do outro. O capítulo destaca-se, também, pela proposta de uma análise de como a LH se ampliou com o passar dos séculos, chegando à forma que o emprego de computadores e tecnologias de ponta realizado na contemporaneidade passou a auxiliar nos trabalhos da área.

O quarto capítulo da obra, “A tipologia linguística”, começa com uma definição a respeito dessa área. A autora (p. 97) apresenta que ‘tipologia’, termo originalmente da área da Botânica, foi adotado também para a Linguística, pelo alemão Georg von der Gabelentz, adequando-se ao objetivo dessa subárea: a classificação das línguas humanas em tipos, isto é, estabelecer agrupamentos de línguas distintas com base em características estruturais que elas compartilham, as quais servem como parâmetro para classificação. Esses tipos podem ter como foco a estrutura frasal dessas línguas [caso das línguas SVO (como o português), cujo padrão frasal é sujeito-verbo-objeto] e a morfologia (levando em consideração se as línguas são isolantes, fusivas, aglutinantes ou polissintéticas).

No entanto, vale destacar o que Giulia afirma, na página 99: “não é possível comparar todas as línguas humanas, visto que várias delas ou já foram extintas ou têm pouquíssima documentação, sendo também quase impossível a um estudioso depreender mais informações a seus respeito”. Também, às vezes, a coleta de dados nem sempre é algo viável. Basta lembrarmos do quantitativo que a Ethnologue apresenta: como comparar mais de 7.000 línguas, que são de diversas famílias e troncos? Seria um trabalho difícilimo.

A autora também discorre sobre questões como os universais linguísticos, características que todas as línguas, rigorosamente, têm, como as diferenciações entre nomes e verbos e entre vogais e consoantes. São traçados comentários bastante aprofundados (mas nem por isso de difícil entendimento) explicando cada um desses fenômenos. Articulados à tal questão, há também comentários sobre a oposição marcada/não marcada,

em que a autora estabelece comparações entre línguas de diversas famílias.

O antepenúltimo capítulo, “As línguas da África”, contribui para que o leitor tenha entendimento, ainda que introdutório, a respeito da situação linguística nesse continente, reconhecidamente rico no que tange à sua cultura e história – riqueza que recai também sobre as línguas (na África, sempre segundo o Ethnologue⁷⁴, há 2158 delas em uso, em diversos níveis de vitalidade). A autora traça comentários, por exemplo, sobre critérios para classificação das línguas africanas (p. 136-54), com base nas famílias em que se encaixam, embasada em Joseph Greenberg, linguista estadunidense, considerado o pai da tipologia moderna, tendo suas contribuições para a área exaltadas também no capítulo 4.

Giulia apresenta as quatro maiores famílias de línguas africanas (afro-asiática, nilo-saariana, nigero-congolesa e khoisan), de modo detalhado, com riqueza de exemplos. Há até mesmo (p. 145-47) comentários sobre os cliques consonantais, fenômenos encontrados somente nas línguas khoisan, como o zulu e o sesoto. Isso é bastante importante visto que ajuda a preencher uma certa lacuna, presente em grande parte dos cursos de Letras, sobre a riqueza linguística do continente africano. Tal fato apenas contribui para a riqueza de informações que *Linguística comparada e tipologia* apresenta, mostrando também certa intenção da autora em apresentar conteúdos fora do eixo europeu-americano.

O quinto capítulo (p. 155) termina com um comentário sobre a influência das línguas africanas no português brasileiro. A escravidão, entre os séculos XVI e XIX, representou também o contato entre falantes de várias línguas (de várias famílias, convém mencionar) com o português, e esse contato forçado teve impactos na língua que era falada pelos portugueses que aqui viviam à época: há contribuições lexicais, morfológicas e fonológicas no português brasileiro originadas por tal situação.

Ainda articulado com o panorama linguístico brasileiro, o sexto e último capítulo da obra foca nas nossas línguas autóctones. Giulia Bosaglia o inicia, traçando um comentário sobre a riqueza linguística do continente americano num todo, discutindo, por exemplo, sobre as hipó-

⁷⁴ Nota: A página do continente africano na plataforma está disponível em: <https://www.ethnologue.com/region/Africa> (em inglês). O número aqui apresentado reflete aquele encontrado em 11 de julho de 2022, quando houve consulta. Em consultas futuras, ele pode ser maior, considerando que o sistema e sua base de dados são frequentemente atualizados.

teses traçadas a respeito de seu povoamento. Ela então aborda especificamente as situações canadense e estadunidense. Como Canadá e Estados Unidos não costumam ser associados, pela sociedade de massa, à presença de povos originários e suas línguas na contemporaneidade, essa referência também contribui para a grandeza da obra. Entre as páginas 168 e 174, Bossaglia apresenta o panorama linguístico centro-sul-americano, destacando também a riqueza étnica desses subcontinentes.

Por fim, na página 174, a autora aborda a realidade brasileira, a qual conta com algumas problemáticas: fontes distintas apresentam ao público quantitativos diferentes de quantas línguas autóctones são faladas em nosso território. Isso tem base em vários fatores, como o isolamento voluntário em que algumas comunidades indígenas se encontram, resistindo a qualquer contato com indivíduos a elas alheios, o que impede qualquer pesquisa ou estudo mais próximo. Esse isolamento também impede que seja produzida documentação (registros) da(s) língua(s) que tais comunidades fala(m).

Na página 179, Giulia apresenta características tipológicas relevantes às nossas línguas autóctones, destacando aspectos fonológicos, léxico-morfológicos e sintáticos acerca delas. Há riqueza de exemplos, e a autora não foca em uma língua somente, o que também deixa claro ao leitor que não há só uma língua indígena brasileira – pensamento que muitas pessoas na sociedade, infelizmente, têm e reproduzem –, mas sim várias delas. Assim como feito no capítulo anterior, na página 189, a autora mostra ao leitor o impacto das línguas indígenas no português brasileiro, principalmente do *abanheenga* (=língua da gente: de base tupi, era uma língua supraétnica causada pelas populações do litoral no séc. XVI, à época da chegada dos portugueses). Tais contribuições incluem antropônimos, topônimos e nomes relativos à fauna e flora, frequentemente estudados.

Da página 195 a 200 há uma lista de recursos suplementares que podem ajudar o leitor caso ele queira sugestões para aprofundar seus estudos. Giulia Bossaglia recomenda obras de referência na área de Linguística (como o *Curso de Linguística Geral* saussuriano, que recentemente recebeu nova tradução para o português) e *sites* de projetos institucionais, como o *Vertentes do Português Popular do Estado Bahia*, dirigido pelo professor Dante Lucchesi, referência nos estudos sociolinguísticos brasileiros. Entre as páginas 201 e 205, há as referências consultadas pela autora para construir e embasar seu trabalho. *Linguística...* termina, na página 206, com a listagem de abreviações usadas no texto.

A obra conta com o auxílio de várias tabelas, gráficos e mapas, para melhor visualização e interpretação das informações apresentadas pela autora. Para discutir sobre as línguas africanas, por exemplo, isso é importante para que tenhamos dimensão do espaço geográfico que as famílias dessas línguas ocupam. Não quer dizer, no entanto, que a leitura seja complicada ou difícil, pelo contrário. A autora usa um vocabulário acessível, sem academicismos ou preciosismos, o que não quer dizer, no entanto, que uma pessoa leiga na área de Letras poderá ler sem percalços pois, como vimos, a coleção de que *Linguística...* faz parte é voltada para quem já tem algum conhecimento prévio da área. Também faz-se necessário mencionar que em vários momentos da obra, há referências a *sites* que podem ajudar o leitor a entender melhor algum ponto em que pode ter ficado com dúvida.

Concluo, destacando que *Linguística comparada e tipologia* merece destaque pela riqueza de informações, abordando em alguns momentos pontos que são relativamente deixados de lado em nosso país. Por esse motivo, a obra só tem a contribuir para a formação de profissionais cada vez mais informados, podendo (por que não?) desenvolver pesquisas próprias, iniciadas com a leitora da obra, que visem a preencher outras lacunas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOSSAGLIA, Giulia. *Linguística comparada e tipologia*. Coordenação de Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Júnior. São Paulo: Parábola, 2019. (Coleção Linguística Para o Ensino Superior, Vol. 9)

FERREIRA, Rogério Vicente; MARTINS, Maressa Mendes. QUADROS, Ronice Müller (2019): LIBRAS (Resenha). *Revista Philologus*, Ano 27, n. 79, p. 254-61, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2021.